

A memória do DF *nucleo J. Baudin*

O Núcleo Bandeirante está completando o seu 34º aniversário. A data de ontem assinalou o dia da inauguração do primeiro complexo urbano estruturado para dar apoio logístico às obras de construção da capital da República. A “Cidade Livre”, como era conhecida, nasceu nos idos de 1956, a partir de uma espontânea eleição dos fluxos migratórios que demandavam Brasília, atraídos pelas amplas oportunidades de trabalho que aqui se abriam. O canteiro de obras fervilhava. Logo, a “Cidade” adensou-se ao curso da Primeira Avenida, expandindo-se com celeridade até ganhar, em curto prazo, dimensões que abrigaram os pioneiros candangos, numa urbanização sem muitas regras, dadas a pressa e as urgências a serem atendidas em função dos cronogramas físicos indispensáveis que deram forma e conteúdo à meta síntese de JK.

Passados 34 anos a ação do tempo já se faz sentir. Fatos, personagens, imóveis e documentações, entre outros va-

lores de identidade histórica, ficam sob a ameaça de se dissolverem no anonimato, silenciando os ecos cívicos que lhes dão marcas próprias.

Nesse particular torna-se inadiável realizar os levantamentos preliminares com vistas a um cadastro com a abrangência necessária e suficiente para uma seleção definitiva. Sob a liderança do GDF todas as entidades culturais e científicas, associações corporativas, clubes de serviço, sindicatos e meios de comunicação devem se mobilizar para uma tomada de posição em favor de um programa que efetive meios e fins para consolidar a memória da capital da República e de suas cidades-satélites. Um registro ordenado de tudo aquilo que concorra para dar lastro de cultura, marcas da tradição, densidade cívica e dimensão histórica. O Distrito Federal reúne condições ótimas para desenvolver um projeto de envergadura nesse particular, homenageando não só o Núcleo Bandeirante, mas todas as satélites.